



O HOMEM QUE QUERIA MATAR DEUS

Hélverton Baiano

Da última vez que voltou lá, Isomar não encontrou mais o amigo Constantino, despachado pro inferno aos 70 anos de idade, com muita história e arrelia. Constantino era um cabra bom, a cachaça é que era ruim, coisa do cão, e o deixava um pouco pra cá de Bagdá, bem pra lá de Mundocaia, perto de Saracutópolis e a meia légua de Pecusburgo. Constantino vadiava com as lereias desse mundo, a modo de parir ingrisia e ajuntar esculhambação.

Da vez de comeu chouriço e vomitou cobras e lagartos, saiu soltando faísca pelas ventas e quase botou fogo no mundo, porque com o adendo da cana (água que passarinho não bebe) e adrede ajeitado no troca-pernas, tudo de se queimar ali por perto correu risco quando não engolido pelas chamas, que o povo teve de catar baldes e mais baldes de água e sair caminhando atrás do bêbado. E não quisesse tirar satisfação com Constantino, pois seria pior para todo mundo.

Outro dia, ele pegou faca para matar o padre, se dizendo corneado pelo vigário, com a ilusão de que o da batina se botara para os lados de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a santa da devoção dele, num enrosco de amor. Deu o que fazer para convencer o tonto de que ele estava vendo chifre na cabeça de cavalo, convencimento conseguido com o auxílio do Cabo Tote e do almirante Vê Neno, com assento na patente da Guarda Municipal, nas barras da prisão. Era um sofrimento ter de fazer isso, porque no outro dia, sem o pileque, Constantino virava uma moça de tão bom e todo mundo gostava muito dele sem a bebida.

Acenaram botar um decreto para ninguém mais vender pinga a Constantino, mas viram que não adiantava, porque não havia quem fiscalizasse e o próprio prefeito era adepto, adeptíssimo, de uma canjebrina, e também havia as leis que proibiam a proibição, para o bem da democracia e das liberdades.

Melhor de tudo é que Constantino tinha sua própria justiça quando queimava o dente, sapecava o bucho e estiolava a cabeça e quem não concordasse ou não dissesse ou saísse de perto, porque ele gostava de botar o cão pra chupar manga e azeda, por sinal. Eu mesmo fui testemunha de quando ele, com um alicate velho e enferrujado, arrancou os oito dentes restantes da boca e bebeu cachaça com sangue até estancar os buracos na boca.

Mas o maior estrupício do mundo estava por vir, foi quando o pai dele bateu as botas. Constantino começou a beber o morto de manhã, num abatimento de fazer dó e num sentimento e num choro e num desespero de arrepiar até mesmo o mais insensível defunto da hora. Quando foi de tarde, na hora do enterro, ele já estava calibrado na margaça, misturando arruaça e dor. O caixão ia chegando ao cemitério, quando de lá aparece Constantino com uma espingarda velha, mirando e atirando pro céu e gritando que ia matar quem matou seu pai. “Desce daí fii duma égua pra morrer”, bradava. Foi um Deus-nos-acuda!